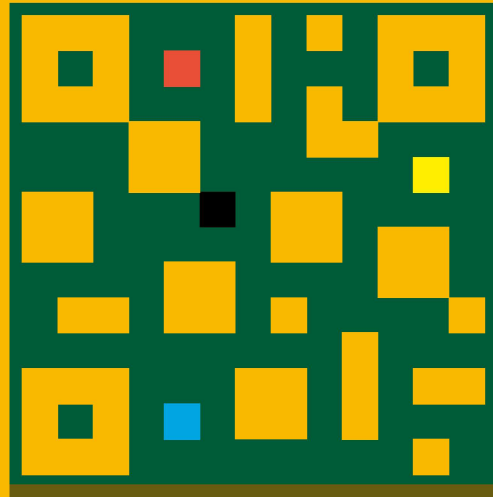


Vamos juntos
colher a maior safra
de dados do Brasil



12°

CENSO
AGRO
PECUÁRIO
FLORESTAL
AGRÍCOLA

Revista

n. 3 | out 2025

MATÉRIAS INTERATIVAS!

Aponte o celular para o QR Code
e se mantenha mais informado!

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra do Planejamento e Orçamento
Simone Nassar Tebet

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Presidente
Marcio Pochmann

Diretora-Executiva
Flávia Vinhaes Santos

ÓRGÃOS ESPECÍFICOS SINGULARES

Diretoria de Pesquisas
Gustavo Junger da Silva

Diretoria de Geociências
Maria do Carmo Dias Bueno

Diretoria de Tecnologia da Informação
Marcos Vinícius Ferreira Mazoni

Centro de Documentação e
Disseminação de Informações
José Daniel Castro da Silva

Escola Nacional de Ciências Estatísticas
Jorge Abrahão de Castro



Revista n. 3 | out 2025

Publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Ministério do Planejamento e Orçamento, Governo Federal.

Centro de Documentação e
Disseminação de Informações - CDDI
Rua General Canabarro, 706 - Maracanã
Rio de Janeiro - RJ - 20271-205
Tel.: (21) 2142-0123 ramal 4789
Periodicidade Bimestral

Editor-executivo

José Daniel Castro da Silva

Concepção e Projeto

José Daniel Castro da Silva
Jorge Gonzaga dos Santos
Emerson Matosino Ferreira Dias
Mauro Emílio Araújo
Marcos Balster Fiore Correia

NESTA EDIÇÃO:

Redação

Ana Paula Davim
Fernanda Araújo Greppe de Melo
Hiago Cleldair da Silva Martins
Márcia Carneiro
Mario Almada Grabois
Marcos Filipe da Silva Sousa
Mateus Berbet de Castro Setenta
Rose Maria Barros de Almeida da Silva
Sheila Machado de Assis Ferreira

Audiovisual

Adriano Monteiro Marques de Souza
Luíza Gomes Freire
Marina Guerra
Pablo Félix de Paiva
Romulo de Carvalho Brito
Thiago Antunes Caetano Alves

Editoração Eletrônica

Antonio Albuquerque Guimarães Neto
Ivo Mello Moraes
Rodrigo de Oliveira Paiva e Silva

Capa

Antonio Albuquerque Guimarães Neto
Ivo Mello Moraes
Rodrigo de Oliveira Paiva e Silva

Fotografias/Imagens

Acervo da Memória do IBGE
Elvis Aleluia

Atividade educativa

Aglália Pereira Tavares de Almeida
Luíza Gomes Freire
IBGEeduca

Divulgação Digital:

Lorenzo Mello da Silva

Impressão

Gráfica do IBGE

Permitida a reprodução das matérias e das ilustrações desta edição, desde que citada a fonte.

Críticas, sugestões e comentários:
cbibge@ibge.gov.br

Carta do Presidente

A Revista Casa Brasil IBGE chega à sua terceira edição, com conteúdo que reflete a convergência entre tradição e inovação, ressaltando iniciativas que moldam o presente e projetam o futuro.

Destacamos o Censo Agropecuário, Florestal e Aquícola, que, como sabemos, é mais do que uma operação estatística: é um retrato profundo da realidade do campo no Brasil. Ao mapear práticas produtivas, estruturas fundiárias e dinâmicas socioeconômicas do campo, o Censo oferece subsídios essenciais para políticas públicas, investimentos sustentáveis e fortalecimento da agricultura familiar e empresarial.

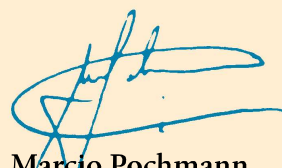
A instituição intensifica o planejamento para o 12º Censo Agropecuário, Florestal e Aquícola e aqui nesta edição recuperamos um pouco da memória da operação ao mesmo tempo em que já vislumbramos a ida a campo num futuro não muito distante.

Vivemos a era digital, marcada pela velocidade da informação, pela conectividade e pela transformação dos dados em conhecimento estratégico. Num contexto em que a Inteligência Artificial (IA) se populariza e atinge cada vez mais segmentos da sociedade, o IBGE trabalha para que essa ferramenta seja uma aliada estratégica de modo a otimizar os processos de coleta, tratamento e disseminação de dados.

Nesta edição, a Diretoria de Tecnologia da Informação explica como está sendo estudada e aplicada a IA no IBGE, tema este que foi aberto recentemente para sugestões dos servidores.

Neste ambiente de diálogo e construção coletiva, o IBGE apresenta um panorama das iniciativas em curso na Instituição, ao mesmo tempo em que reafirma seu compromisso com a criação do Sistema Nacional de Geociências, Estatística e Dados – SINGED. Esta edição da revista integra esse movimento, oferecendo um espaço dedicado à reflexão, à divulgação e ao debate sobre o papel estratégico da ciência de dados na promoção de um país preparado para os desafios contemporâneos.

Desejamos uma leitura proveitosa e inspiradora. Reiteramos que sugestões de pautas e propostas de artigos são sempre bem-vindas e podem ser enviadas para o e-mail: cbibge@ibge.gov.br.



Marcio Pochmann
Presidente do IBGE

Sumário

05

Novos servidores do IBGE

Trazem na bagagem sonhos, lutas e vitórias

18

Casa Brasil IBGE SUDENE

Casa Brasil IBGE e SUDENE reforçam laços e compromisso com a região Nordeste

10

Censo Agro, Pecuário, Florestal e Aquícola

IBGE planta a semente para a pesquisa

20

IBGE NA COP

Passado, presente e futuro

16

Casa Brasil IBGE

Rio de Janeiro e Juiz de Fora

24

Geografia e Estatística na Era da IA

IBGE acompanha a popularização de sistemas inteligentes alinhados à governança responsável

Carta da redação

Sejam muito bem-vindos a mais uma edição da Revista Casa Brasil IBGE.

Em sintonia com a tradição do IBGE de disseminação e comunicação, este novo número representa não apenas a continuidade de uma prática editorial consolidada, mas também a reafirmação do valor do conhecimento produzido internamente.

Nesta terceira edição da Revista, renovamos o nosso principal propósito: abrir as portas da nossa Casa para todos os públicos. Um lugar onde o trabalho da Instituição e dos ibgeanos ganha forma em textos e imagens que refletem o compromisso com a informação de qualidade.

E agora com novidades: nossa produção passa a contar também com som e movimento. Por meio de um recurso simples e já consagrado, que é o QR Code, nossos leitores poderão ter acesso a mais conteúdo, como galeria de fotografias e vídeos que ampliam as reportagens e entrevistas.

Outra boa notícia é a chegada de novos profissionais, aprovados no Concurso Público Nacional Unificado e recebidos nas unidades do IBGE em todos os estados do Brasil. Parte desses novos servidores já está integrando o time da revista e vem somar talento, energia e diversidade à experiente equipe que iniciou o projeto da Revista e já editou duas edições.

A Casa Brasil IBGE é um espaço de memória e tecnologia que reúne num só lugar as várias áreas do IBGE do passado, presente e futuro. E esta revista é mais uma das formas para democratizar o conhecimento produzido pelo Instituto, traduzindo-o para diferentes perfis de leitores – da curiosidade do estudante ao interesse técnico do pesquisador, do olhar atento do gestor público à escuta ativa do cidadão comum.

Esperamos que cada edição seja uma porta aberta para a compreensão e o encantamento com o Brasil que o IBGE revela.

Boa leitura!

Novos Servidores do IBGE

trazem na bagagem sonhos, lutas e vitórias

Conheça algumas histórias dos novos rostos que compõem o órgão

Marcos Filipe Sousa

com colaboração de Matheus 70 e Fernanda Greppe

Os novos servidores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), oriundos do Concurso Público Nacional Unificado (CPNU), iniciaram sua jornada no último mês de julho, e no decorrer das semanas, entre almoços e conversas de corredor, foi possível ouvir diversas histórias.

“Saí do Rio Grande do Norte para o Rio de Janeiro”, “Quem foi o mais jovem a ingressar?”, “Deixei anos da iniciativa privada para me dedicar ao serviço público”. Essas foram frases, entre tantas, que foi possível escutar.



Novos servidores durante PINS no Rio de Janeiro. Foto: Julio Kummer



Luccas Rodrigues dos Santos

Luccas Rodrigues dos Santos, de 20 anos, passou no concurso ainda com 19, sendo o mais jovem da turma dos novos servidores. Nascido no Rio de Janeiro, mudou-se para Brasília aos dois anos e o IBGE é sua primeira experiência profissional.

O jovem, que cursa Engenharia de Software na Universidade de Brasília (UnB), ficou sabendo do CPNU através da sua mãe. “Eu tinha acabado de terminar o Ensino Médio, e ela achou que era uma ótima oportunidade, pois muito dos conteúdos tinha visto recentemente na minha preparação para o ENEM”.

Convencido pela mãe, decidiu estudar, contudo, focou nas matérias que ainda não sabia bem, o terror dos concurseiros: Direito Constitucional e Direito Administrativo.

Aluno dedicado, para Luccas, qualquer lugar é um bom lugar para estudar. “O curso de Engenharia de Software é no Campus do Gama, então ficava lendo as leis e fazendo questões no BRT, até chegar lá e na volta para casa. Foi isso até o dia da prova”. E assim se passaram seis meses de sua vida.

Enquanto o jovem iniciava sua vida de concurseiro, Marcus Antonio Freijanes, nascido em Niterói nos anos 60 e filho de funcionários públicos, já via o IBGE como seu caminho natural de vida. Ele é o mais velho entre os novos ibgeanos.

“Sempre me interessei pela área de exatas e, prestando vestibular para Engenharia Mecânica, entrei na Universidade Federal Fluminense em 1979. Graduado em 1984, em meio à chamada década perdida, iniciei um outro curso de graduação na mesma universidade, desta vez em Ciências Econômicas”, iniciou o papo.

Nos últimos anos, trabalhou como responsável técnico de uma empresa multinacional na área de revisão de motores aeronáuticos e montagem de motores novos, atuando ainda nas áreas da Qualidade, Gestão por Processos e Gestão de Riscos.

O novato falou da alegria em fazer parte do órgão, destacando a equipe de trabalho. “Quanto ao lado das relações humanas na instituição, só tenho a agradecer por ter sido extremamente bem recebido por todos com os quais tive oportunidade de ter contato”.



Marcus Antonio Freijanes
Tecnologista em Informações
Geográficas e Estatísticas



*“Vi o IBGE como
meu caminho
natural”*



Miriam Martins

Da Terra do Sol para a Terra do Carnaval

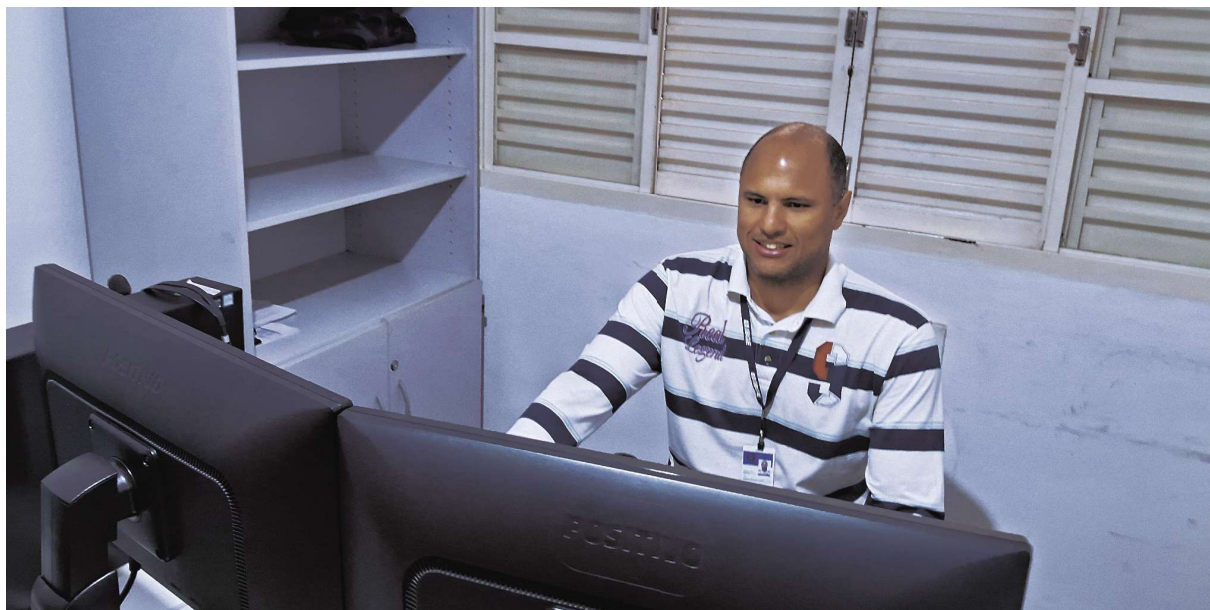
Miriam Martins, de 24 anos, bibliotecária e lotada no Centro de Documentação e Disseminação de Informações (CDDI), saiu de um Rio para outro. Mais de 2.400 km que separam a sua terra natal, Rio Grande do Norte, e o Rio de Janeiro, sua nova morada.

O IBGE foi sua primeira opção por ser um dos melhores cargos em sua área e pela particularidade do órgão. “Fiquei imensamente feliz por conquistar uma vaga tão disputada e poder prestar serviços à população brasileira em um órgão tão importante”.

Assim como outros novatos, Miriam tinha uma percepção limitada, conhecia o

IBGE apenas por meio do Censo Demográfico. “Agora, sinto que já conheço um pouco mais, a profundidade da Instituição frente a sua missão de retratar o Brasil e, inclusive, sinto que posso contribuir nesse objetivo”.

A experiência de trabalhar no IBGE está sendo gratificante para a bibliotecária que deixou um recado para os seus colegas. “Que todos os novos servidores utilizem seus conhecimentos e técnicas visando ao alcance da missão institucional do IBGE, sempre buscando atender às demandas da população da melhor forma”.



Jeremias Santiago

Uma experiência, um sonho e a conquista

Se você é daquelas pessoas que adora histórias inspiradoras, você vai gostar da história e da determinação do Jeremias Santiago. Jeremias cresceu no sítio, morou até os 17 anos na área rural com seus pais e suas três irmãs. Passou a infância em João Ramalho (SP), e aos sete anos mudou com toda a família para Paraguaçu Paulista (SP).

Seu pai, que não chegou a concluir a educação básica, foi o grande incentivador para que os filhos se dedicassem aos estudos. Ele faleceu em 2011, um ano antes da primeira das filhas se formar na universidade, mas transmitiu seu legado e seus quatro filhos conquistaram um diploma universitário.

Jeremias conheceu o IBGE por suas irmãs, que trabalharam como Agente de Pesquisa e Mapeamento (APM) na antiga agência de Paraguaçu Paulista. Ele ingressou no IBGE em 2017, para a realização do Censo Agropecuário.

A experiência no IBGE marcou profundamente sua vida e, desde então, ele passou a

cultivar o sonho de fazer parte da equipe de servidores efetivos do IBGE.

No entanto, os anos iam passando e o IBGE não noticiava um novo concurso. Até que, em 2023, o governo anuncia um formato inovador de concurso público, que reuniria diversos órgãos federais, e lá estava o IBGE, com vagas abertas de Norte a Sul do Brasil no Concurso Público Nacional Unificado (CPNU). Quando Jeremias soube que o IBGE estaria no CPNU, teve a certeza de estar diante da chance que aguardou por todos aqueles anos. “Estar no IBGE hoje é a realização de um sonho que tenho desde 2017, quando entrei para fazer o Censo Agropecuário. O trabalho do IBGE é maravilhoso, é um prazer gigantesco voltar a trabalhar aqui e eu pretendo me aposentar bem velhinho, com muito orgulho por ter trabalhado no IBGE.” Que este seja o início de uma longa jornada de muito trabalho, pesquisas, felicidade e sucesso de volta à sua casa, Jeremias. Vida longa na sua caminhada no IBGE.



Victor Guilherme

Do chão batido de Saramém à posse como servidor federal

Numa noite de dezembro de 2023, do sofá humilde da casa onde cresceu, Victor Guilherme dos Santos, 27 anos, viu na TV o anúncio que mudaria sua vida: o Concurso Público Nacional Unificado (CPNU) teria seu edital oficialmente lançado em janeiro do ano seguinte. A notícia reacendeu uma última chama de esperança dentro daquele rapaz que conhecera de perto o peso de uma juventude marcada pela adversidade.

Natural de São Bernardo do Campo (SP), Victor chegou ainda criança ao povoado de Saramém, em Brejo Grande, interior de Sergipe, uma vila de pescadores às margens do Rio São Francisco. “Era uma comunidade muito humilde. Fome a gente não passou, mas nunca sobrou nada”, recorda-se. Ao lado da mãe, avós e irmã, cresceu cercado por dificuldades, mas também por valores simples, como o respeito, a fé e a vontade de aprender

mesmo quando quase nada era oferecido.

E foi no sofá da sala, ao lado da mãe, que viu no CPNU uma nova chance.

A prova veio. E o resultado superou qualquer expectativa. “Quando vi meu nome entre os aprovados, chorei feito criança. Era o grito sufocado de anos de frustração se transformando em vitória. Eu não venci sozinho. Era minha mãe, meus avós, toda a minha comunidade vencendo comigo.”

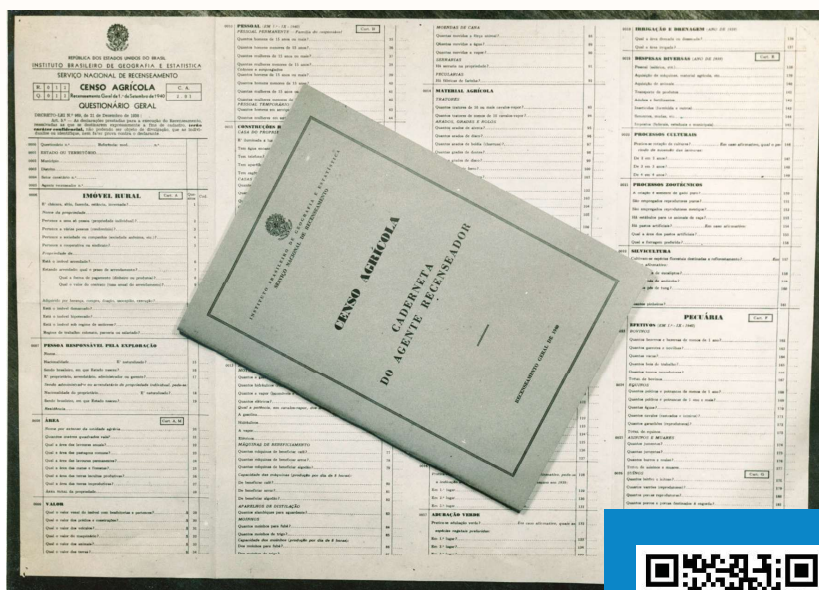
Victor não apenas foi aprovado: foi o primeiro servidor federal concursado do povoado de Saramém. Um feito que ecoou entre professores, vizinhos e jovens da região. Escolheu como destino a agência do IBGE em Penedo (AL), a cidade mais próxima da sua comunidade. “Era mais que um emprego. Era um resgate da dignidade, um divisor de águas.” 🇧🇷

Censo Agro Pecuário, Florestal e Aquícola

IBGE planta a semente para a pesquisa

Sheila Machado

Em preparação para o início da operação de coleta do próximo Censo Agropecuário, Florestal e Aquícola, carinhosamente conhecido como Censo Agro, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) planta as sementes para esta importante pesquisa estrutural. O Censo dos estabelecimentos com atividades agropecuárias, florestais e aquícolas constitui-se na principal e mais completa investigação da estrutura e da produção da agricultura e da pecuária. Quando os agentes de coleta forem a campo, daqui a alguns meses, serão feitas perguntas sobre as características do estabelecimento e do produtor, pessoal ocupado, utilização das terras, irrigação, produção vegetal e animal, uso de agrotóxicos, entre outras. E para que esta gigantesca operação ocorra, muito trabalho vem sendo realizado – na verdade, ele nunca para.



Censo agrícola de 1940
Caderneta do agente
Recenseador e
Questionário geral.
Acervo IBGE



Confira imagens históricas
de outras edições do
Censo Agropecuário,
Florestal e Aquícola.

“A preparação de um censo é uma atividade contínua. Ao término de cada operação iniciamos a avaliação de todas as etapas, resultando em documentos que norteiam o planejamento das próximas operações”, revela Vando da Paz Nascimento, coordenador do Censo Agropecuário e da DPE/Coagro.

O presidente do IBGE, Marcio Pochmann, destaca a importância do Censo Agropecuário, Florestal e Aquícola para a economia do Brasil, sendo esta a mais completa investigação estatística e territorial sobre a estrutura e a dinâmica da atividade agropecuária brasileira: “Trata-se, portanto, de uma enorme operação para o IBGE, pois é uma pesquisa que percorre todo o Brasil, com o objetivo de prover um panorama de informações sobre a estrutura, a dinâmica e o nível de produção dessa atividade econômica no nosso país”.

As informações coletadas no Censo Agro são substrato para o Sistema de Contas Nacionais acompanhar a participação do setor na economia nacional, para o planejamento de investimentos em setores públicos e privados, e na formulação e avaliação de políticas públicas como o Programa Nacional de Agricultura Familiar (PRONAF), a assistência técnica e extensão rural, o crédito rural e a reforma agrária. Ramificam-se, ainda, em estudos sobre indicadores ambientais, reestruturação e expansão da fronteira agrícola e inovações tecnológicas na cadeia produtiva.

“Os resultados do Censo Agropecuário são únicos e indispensáveis, pois podem ser referidos ao nível dos municípios e das localidades”, ressalta Gustavo Junger da Silva, Diretor de Pesquisas do IBGE.



Colheita de algodão, Loanda (PR).
Acervo IBGE



Caminhão carregado com barris de vinho, vindo de Garibaldi (RS). Acervo IBGE



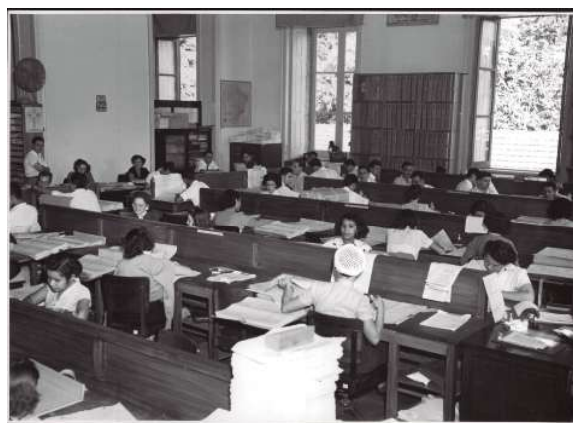
Criação de gado, Mundo Novo (GO).
Acervo IBGE

A ideia de os países promoverem recenseamentos agrícolas ganhou força no Congresso Internacional de Estatística, em 1853, quando definiu-se que estas pesquisas tratariam de condições, processos e resultado da estatística agrícola de cada nação em determinada época, de maneira periódica. No Brasil, o primeiro Censo Agropecuário foi realizado em setembro de 1920, pela Diretoria Geral de Estatística - DGE, órgão do extinto Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Em 1936, com a sua fundação, o IBGE tornou-se responsável pelo trabalho. “A partir da década de 40, o Censo Agro foi feito de dez em dez anos. Em 1970, passou a ser de cinco em cinco anos, ocorrendo em 70, 75, 80 e 85. Mas problemas orçamentários impediram novas edições quinquenais e realizou-se apenas em 1995-1996, 2006 e 2017”, explica o historiador do IBGE, Leandro Miranda Malavota.

Ao todo, já foram realizados 11 Censos Agropecuários no Brasil, 10 deles sob a responsabilidade do IBGE. A metodologia atual segue padrões recomendados pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), gerando estatísticas comparáveis entre os países.

No Censo Agro de 2017, por exemplo, foram a campo mais de 18 mil recenseadores para pesquisar 5,1 milhões de estabelecimentos brasileiros dedicados a atividades agropecuárias, florestais e aquícolas, com produção voltada tanto para o mercado quanto para a subsistência. O enquadramento independe de localização (se urbana ou rural), do tamanho, da natureza e da forma jurídica da propriedade; só ficam de fora da pesquisa simples hortas domésticas e quintais de casas.

Com uma pluralidade de temas, o Censo Agropecuário, Florestal e Aquícola é uma ferramenta valiosa para análises sobre a expansão das fronteiras agrícolas, a dinamização produtiva ditada pelas inovações tecnológicas, indicadores ambientais, o dimensionamento de áreas cultiváveis, os níveis de produção de alimentos e da criação animal, e a utilização dos implementos e instrumental agrícola. Isso sem esquecer da contagem de trabalhadores rurais e sua estratificação em idade, gênero, escolaridade; além da classificação dos padrões de obtenção e ocupação do território agrícola nacional. Os dados do Censo Agro perduram no traba-



Setor de codificação do Censo Agrícola de 1950. Acervo IBGE

lho do IBGE, servindo como fonte de cadastro para estatísticas amostrais e para balizar estatísticas agropecuárias contínuas que formam o cálculo do Produto Interno Bruto (PIB), por exemplo.

Preservar esta relevância para o retrato da economia brasileira requer preparação constante. O diretor da DPE, Gustavo Junger, destaca que o Censo Agro é uma operação gigantesca, que deve respeitar aspectos técnicos e operacionais altamente complexos. “Os resultados são fruto do trabalho não apenas dos servidores permanentes e temporários da Instituição, mas

também com os produtores, agentes públicos, entidades da sociedade civil, academia, órgãos de imprensa. O Censo é feito por todos”, afirma.

E, embora as divulgações dos resultados do Censo Agro sejam de interesse de milhões de brasileiros, algumas conclusões da operação censitária ganham importância especial para a Diretoria de Pesquisas do IBGE. São lições ensinadas pelo trabalho em campo. “Dentre as inovações do Censo Agro de 2017 estão o georreferenciamento de todos os estabelecimentos pesquisados, permitindo a divulgação de dados por recortes territoriais não inicialmente previstos no plano tabular de divulgação; e a transparência dos processos de coleta e na forma de apresentação dos dados para a população, destacando a participação de diversos parceiros externos que contribuíram para a viabilidade do projeto”, enumera Vando. Gustavo acrescenta uma inovação: “a possibilidade de preenchimento do questionário pela internet, mediante um procedimento de validação”.

A 12ª edição do Censo Agro promete ser 100% digital, com transmissão em tempo real dos dados coletados via DMC e mais incentivo para que os produtores respondam o questionário pela internet, afirma o diretor de Tecnologia da Informação do IBGE, Marcos Mazoni: “Sabemos, porém, que em boa parte do interior do Brasil, o acesso à internet ainda é desafiador, muito embora as pessoas responsáveis pelas respostas fiquem no meio urbano, continua sendo essencial a coleta feita pelos recenseadores. Vamos otimizar a opção de questionário pela internet aos produtores que se sentirem confortáveis com esta solução”.

A trilha do aprendizado trazido pelo Censo Agro passa pela avaliação das etapas anteriores, planejamento das ações se-

guintes, sem deixar de lado o diálogo permanente com os usuários das informações, o que possibilita identificar demandas por novos dados e um melhor detalhamento de informações. “Na preparação para um novo censo, internamente, são realizados testes e consultas às áreas técnicas e operacionais para aperfeiçoar a coleta de dados e incorporar novas tecnologias, com a finalidade de divulgar dados mais completos mais rapidamente para população. Esse processo de testes e consultas se intensifica à medida que a operação de campo se aproxima, com a realização de testes mais abrangentes, tais como as Prova Pilotos e o Censo Experimental. Para o próximo Censo Agro, estes testes estão previstos para o final de 2025 e ao longo de 2026”, conta Vando.

Devido ao sucesso nos resultados, as novidades operacionais do Censo Agro de 2017 - monitoramento diário dos trajetos dos recenseadores, georreferenciamento dos estabelecimentos e preenchimento do questionário pela internet - foram incorporadas a outras pesquisas regulares do IBGE. Trata-se de uma consolidação do avanço na coleta, supervisão e divulgação dos dados e um aprendizado cíclico, como se fosse uma safra.

“Para a 12ª edição, o plano é fazer no Censo Agro uma identificação mais precisa da produção agropecuária das comunidades tradicionais, da participação da mulher na produção, do impacto de fatores ambientais na produção e do uso de tecnologias”, revela Vando, acrescentando que haverá foco também na sucessão familiar nos estabelecimentos agropecuários, na identificação da produção por talhões e no planejamento aprimorado das rotas dos entrevistadores e supervisores durante a coleta. 

Censo Agro, Pecuário, Florestal e Aquícola ao longo dos anos

1920**PRIMEIRO CENSO AGRÍCOLA DO BRASIL**

Realizado pela Diretoria Geral de Estatística, do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

1950**CARTÕES PERFURADOS**

A pesquisa cobriu as atividades de agricultura, pecuária, avicultura, apicultura, horticultura, floricultura, silvicultura, a extração de produtos vegetais e, pela primeira vez, a sericultura. Utilizou-se cartões perfurados para apuração dos resultados.

1970**“CENSO AGROPECUÁRIO”**

Pesquisa passa a se chamar Censo Agropecuário. Coleta inédita de dados sobre a cunicultura (criação de coelhos), atividade econômica importante na época.

1940**PRIMEIRO CENSO AGRÍCOLA DO IBGE**

Instalada a rede nacional dos serviços censitários, com a criação das Delegacias Municipais do Censo. Censo Agrícola de 1940, como chamado à época, esteve em campo entre 1º de setembro de 1940 até o fim de 1941. A apuração sofreu atraso devido à Segunda Guerra Mundial, na qual o Brasil foi envolvido a partir de 1942.

1960**COMPUTADOR USADO PELA PRIMEIRA VEZ**

Computador é utilizado na pesquisa, mas problemas com a tecnologia acarretaram atrasos. Os últimos resultados só saíram em 1970. Pela primeira vez, utilizou-se técnicas de amostragem com a finalidade de divulgações preliminares.

1975**PERIODICIDADE QUINQUENAL**

Conceito de estabelecimento agropecuário passa a considerar como um único estabelecimento as parcelas descontínuas localizadas em um mesmo setor de enumeração, desde que utilizassem o mesmo pessoal e maquinaria, e estivessem sujeitas a uma única administração.

1980**REGIONALIZAÇÃO**

A partir de apuração de dados preliminares, o Censo Agro divulga informações amostrais em nível de Brasil e Grandes Regiões.

1985**MUDANÇA DE SISTEMAS**

A apuração foi afetada por mudança dos sistemas de informática adotados e também de pessoal. A divulgação foi concluída no início de 1991.

1995/1996**ANO SAFRA**

A partir dessa edição, houve ajuste metodológico e o período de referência do Censo Agro foi alterado de ano civil para ano safra. Com isso, não há comparabilidade direta com as edições anteriores.

2006**COLETA POR PDA**

O conteúdo da pesquisa foi mais abrangente em relação às edições anteriores. A coleta foi feita por PDA (Personal Digital Assistant), que substituiu os questionários em papel. A transmissão também foi feita diretamente para um computador central, no Rio de Janeiro.

2017**COLETA POR DMC**

Utilização do Dispositivo Móvel de Coleta (DMC), com lista prévia de endereços e sistemas georreferenciados e divulgação inédita dos trajetos percorridos pelos recenseadores.

Sustentabilidade

Questionário passa a ter questões de meio ambiente, irrigação e uso de agrotóxico.

Inclusão

Levantamento visita povos indígenas, inclusive em áreas remotas e de isolamento, além de comunidades quilombolas.

Mar

Cultivo de moluscos, com cadastro das fazendas marinhas, passa a ser pesquisado.

2025/2026

O logotipo da 12ª edição representa uma área de produção agrícola estilizada, correspondendo à visão aérea do zoneamento agrícola, ao mesmo tempo em que remete à tecnologia (bits e bites) e a um QR Code, evidenciando, assim, o fato de ocorrer na era digital.



Casa Brasil IBGE

Marcos Filipe Sousa

Rio de Janeiro recebe comitiva de Moçambique

Os laços entre Brasil e Moçambique foram estreitados na visita da comitiva do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (INE-MOZ) na Casa Brasil IBGE, no Centro do Rio de Janeiro, no mês de agosto.

O grupo passou uma semana conhecendo as estruturas do órgão, sua coleta e processamento de dados, para reforçar as capacidades institucionais do Sistema Estatístico Nacional (SEN) que se prepara, em 2026, para o Censo de Moçambique.

Na Casa Brasil, os visitantes puderam conhecer as atividades de disseminação de informações e áreas como a Memória Institucional e o IBGEeduca, que recebe a visita de estudantes, da população em geral, além de acolher eventos como oficinas e palestras.



Servidores do CDDI recebem a comitiva de Moçambique



Confira o vídeo gravado especialmente para a revista sobre a visita da Comitiva de Moçambique à Casa Brasil IBGE.



Marta Francisco Mahote, diretora de Integração, Coordenação e Relações Externas do INE de Moçambique, explicou que a missão deve auxiliar na digitalização das pesquisas e na divulgação de dados no país africano. “É um momento ímpar, pois estamos caminhando para uma era digital e o Brasil tem experiência com a informatização dos seus processos. Sentimos que a parceria será reforçada nesses assuntos.”

Danielle Sampaio Barreiros, coordenadora de Atendimento e Informação (CDDI/COATI), apresentou as nove áreas do IBGE e a exposição dos equipamentos usados nos primeiros Censos do século XXI.

“Estamos mostrando que o objetivo deste local é democratizar os dados e informações produzidos pelo IBGE de uma forma mais lúdica e com linguagem acessível para o cidadão comum, pois os usuários não são apenas técnicos e especialistas, mas todo brasileiro”, disse.

Juiz de Fora expande disseminação de informações

Inaugurada em maio deste ano, a Casa Brasil em Juiz de Fora (MG) marca mais uma expansão do IBGE na disseminação de informações.

O espaço está instalado no Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora e é a quarta unidade, concentrando o espaço de memória e tecnologia que reúne as áreas do IBGE para especialistas e a população mineira em geral.

Segundo a organização da Casa, foram mais de seis mil visitas da inauguração até o mês de agosto.



Local recebeu novas áreas para acolher visitantes
Fotos: Cortesia

Casa Brasil IBGE Sudene

Márcia Carneiro

Casa Brasil IBGE e Sudene reforçam laços e compromisso com a região Nordeste

Em visita ao Recife, no mês de setembro, o presidente do IBGE, Marcio Pochmann, participou da mesa de lançamento da Plataforma Data Nordeste, que reúne informações sobre a Região.

O portal foi desenvolvido pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), com apoio técnico do Observatório da Caatinga e Desertificação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e está disponível no site da SUDENE: www.gov.br/sudene.



Presidente do IBGE entrega publicação para acervo da Sudene. Foto: Elvis Aleluia



Pochmann também entregou o Relatório de Atividades da Casa Brasil IBGE SUDENE, com 86 ações realizadas nos últimos nove meses e a participação de mais de 1.300 pessoas, entre gestores, professores, estudantes, pesquisadores e a sociedade civil.

O documento reúne oficinas, eventos, parcerias e duas edições digitais da Revista Casa Brasil IBGE, com foco em promover transparência, letramento cartográfico e geocientífico, além de preservar a memória institucional. Durante a visita, o presidente também enriqueceu o acervo da biblioteca da SUDENE com a doação de publicações, incluindo o Atlas Nacional do Brasil, estudos sobre a geografia do café e da cana-de-açúcar e obras históricas.

Na ocasião, ocorreu a posse do novo superintendente da SUDENE, Francisco Ferreira Alexandre, que reforçou a parceria com o IBGE. “A parceria com o IBGE é estratégica para nossa atuação, inclusive com a ampliação na disponibilização de dados para transformar realidades locais”, afirmou.



Marcio Pochmann durante a posse do novo superintendente da Sudene. Fotos: Elvis Aleluia



Estudantes na Casa Brasil Sudene. Foto: Cortesia

IBGE na COP

Passado, presente e futuro

Hiago Cleldair da Silva Martins

Conhecida como porta de entrada para a Amazônia, Belém, capital do Pará, sediará a COP30 entre os dias 21 e 25 de novembro. A Conferência das Partes (COP) é a reunião anual dos membros da UNFCCC — a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima — destinada a debater e planejar ações relacionadas às transformações climáticas. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como fornecedor oficial de estatísticas públicas do país, tem papel essencial na produção de dados que subsidiem essas ações.

Para as estatísticas oficiais, o evento é uma oportunidade de aprimorar conhecimentos, aperfeiçoar metodologias e alinhar indicadores aos padrões internacionais. Entrelaçando a trajetória da COP e da UNFCCC, é possível traçar um panorama histórico da atuação do IBGE na questão climática, ligando passado, presente e futuro.



Casa Brasil IBGE em Belém marca presença do IBGE na Cop 30. Foto: Cortesia

Passado

Sob a influência da emergência do tema climático e das discussões ambientais da década de 1970, o IBGE deu os primeiros passos nessa área. Em 1973, o Instituto criou a Superintendência de Recursos Naturais (SUPREN). Dois anos depois, em 1975, a área passou a se chamar Superintendência de Recursos Naturais e Meio Ambiente, responsável por mapeamentos, estudos e pesquisas sobre os componentes físicos e bióticos do território.

Outro marco dessa trajetória foi a criação, também em 1975, da Reserva Ecológica do IBGE, em área ao sul de Brasília. Em resposta às discussões sobre preservação ambiental e aos impactos da expansão da fronteira agrícola, o Instituto transformou uma área já ocupada em reserva ecológica. Hoje, com quase 50 anos, a Reserva Ecológica do IBGE é um exemplo de preservação e de produção de estudos sobre o Cerrado.

A UNFCCC — tratado internacional formalizado na *Cúpula da Terra*, no Rio de Janeiro (1992) — impulsionou um salto nas ações relacionadas ao clima. Estimulado por isso, a partir da década de 2000, o IBGE intensificou os mapeamentos sistemáticos de cobertura vegetal, consolidando sua atuação técnica na pauta ambiental.

Marcos internacionais como as COPs de Quioto e Paris também moldaram o contexto em que o IBGE atua. O *Acordo de Paris*, em especial, consolidou o compromisso das partes em adotar medidas para limitar o aquecimento global. Em 2018, o IBGE avançou com a publicação do primeiro volume da série de Contas Econômicas Ambientais,

levantamento que relaciona o uso dos recursos naturais à economia. “Fornecemos insumos para políticas públicas que buscam sustentabilidade econômica e ambiental, além de elementos para os compromissos internacionais do Brasil, como o Acordo de Paris”, ressalta a equipe da Coordenação de Meio Ambiente da Diretoria de Geociências (DGC/CMA) em entrevista.

Presente

No Brasil, espera-se que a COP30 dê destaque à conservação de florestas e ao combate ao desmatamento. Na mesma linha, o IBGE trabalha para lançar, em novembro, dois produtos importantes para a agenda ambiental: uma nova versão do mapeamento dos biomas nacionais e um produto inédito que pretende mapear as regiões naturais do Brasil, integrando aspectos físicos, ambientais e territoriais. Alinhados aos objetivos da COP30, esses levantamentos ampliam o conhecimento sobre a diversidade ambiental do país e oferecem subsídios valiosos para políticas públicas.

Futuro

O papel do IBGE na temática ambiental é crescente e estratégico. Ao longo do tempo, o Instituto amadureceu num processo que acompanhou as discussões globais; para o futuro, destaca-se a missão de fortalecer indicadores contínuos. “Estamos buscando estratégias para produzir indicadores de forma contínua, um conjunto robusto de informações para contribuir com o debate nacional e internacional, integrando cada vez mais as dimensões ambiental, social e econômica do país”, finaliza a equipe da Coordenação de Meio Ambiente da Diretoria de Geociências.

Casa Brasil IBGE COP

A Amazônia é o ponto focal do planeta quando o assunto é preservação, diversidade biológica e combate às mudanças climáticas. Não é por acaso: Belém, no Pará, foi escolhida como sede da COP30, destacando sua localização privilegiada como porta de entrada para a maior floresta tropical do mundo.

Alinhada a essa escolha, em 27 de janeiro, foi inaugurada a Casa Brasil IBGE COP, espaço estratégico de disseminação das informações do IBGE. Realizada em parceria com a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Casa reúne memória e tecnologia para facilitar o acesso do público aos dados produzidos pelo Instituto, com ênfase no bioma amazônico.



Atividades realizadas na Casa Brasil em Belém.
Fotos: Cortesia

Visitas da comunidade

Localizada na UFPA, a Casa Brasil IBGE COP recebeu mais de 100 visitas até agosto de 2025, principalmente estudantes. A comunidade tem acesso ao acervo histórico, a publicações do Instituto e a um totem multimídia interativo. Entre os visitantes estão Ângela Carnaval, Superintendente Regional de Administração do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos no Rio de Janeiro (SRA/RJ), e a equipe de reportagem do site da UFPA.



Atividades sobre dados e informações ambientais do IBGE

Em preparação para a COP30, o IBGE promoveu na Casa Brasil IBGE COP duas ações sobre dados e informações ambientais. Pela Superintendência Estadual do Pará, as iniciativas apresentaram ao público o trabalho da instituição na área.

No dia 11 de junho de 2025, a palestra “Dados e Informações Ambientais do IBGE” expôs a estrutura do IBGE e da Diretoria de Geociências, além dos produtos geocientíficos produzidos e disponibilizados pelo Instituto. Em 25 de junho, a oficina presencial “Acesso aos Dados e Informações Ambientais do IBGE” demonstrou como acessar os bancos de dados, incluindo o Banco de Dados de Informações Ambientais (BDiA) e os produtos geocientíficos do portal do IBGE.

Participaram das atividades diversas instituições públicas e de pesquisa, o que favoreceu o intercâmbio de informações e o diálogo institucional para aprimorar serviços de proteção ao meio ambiente. Entre elas, destacam-se o Serviço Geológico do Brasil (SGB/CPRM), a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), o Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção da Amazônia (CENSIPAM) e o Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (IDEFLOR-Bio). 🇧🇷

Trajetória do IBGE na Agenda Climática

1973

Criação da Superintendência de Recursos Naturais (SUPREN).

1975

Criação da Reserva Ecológica do IBGE.

**ANOS
2000**

Avanço nos mapeamentos sistemáticos de cobertura vegetal.

2018

Início das Contas Econômicas Ambientais.

2025

Mapeamento das Regiões Naturais do Brasil.



Claudio Ferraz



Arthur Beltrão

Geografia e Estatística na Era da IA

IBGE acompanha a popularização de sistemas inteligentes alinhados à governança responsável

Ana Paula Davim

A Inteligência Artificial (IA) ganhou espaço na sociedade com a popularização de ferramentas generativas. Mas o campo de estudos em si não é novo e nem se resume aos modelos mais famosos, como o GPT.

No IBGE, já existem ferramentas de IA implantadas para automatizar tarefas. No Censo Demográfico, além de identificação de inconsistências nos dados coletados, o trabalho de padronização de respostas sobre ocupação também foi realizado por Inteligência Artificial. Com o sucesso dos resultados, passou também a refinar dados da POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares).

Conversamos com Claudio Ferraz, Assistente da Diretoria de Tecnologia de Informação do IBGE (DTI), que nos explicou o cenário institucional diante das possibilidades oferecidas pela IA.

P: Além do modelo para categorização de variáveis abertas usado no Censo, há outras iniciativas envolvendo IAs sendo utilizadas no IBGE?

Existe um projeto em andamento para um Chatbot usando IA Generativa para responder demandas de Recursos Humanos. Também há um projeto para o Censo Agro de processamento de Imagens de Satélite. A partir do aprendizado de máquina, será possível para o IBGE realizar a classificação dessas imagens e estimar a área de cultivo agrícola.

P: Quais os cuidados que o usuário (interno ou externo ao IBGE) deve ter ao utilizar ferramentas comerciais de IA?

Internamente, alguns cuidados devem ser continuamente tomados, especialmente em relação à proteção de dados e sigilo estatístico. Levando em conta microdados e dados sigilosos, como os de pesquisas domiciliares ou empresariais, que são protegidos por lei, o envio ou tratamento em plataformas externas ao instituto violaria o sigilo estatístico. Identificadores, bases brutas, informações não divulgadas, nenhum tipo de dado sensível pode ser inserido nessas ferramentas, prezando sempre pela segurança da informação.

Para o usuário em geral, deve-se considerar que há sempre um potencial risco de vazamento. Quanto à qualidade da informação, essas ferramentas podem produzir respostas incorretas, mas convincentes – chamadas de “alucinações”. Por isso a importância de validar e revisar toda resposta ou texto gerado.

P: Há um grupo de trabalho do IBGE sobre desenvolvimento e adoção de soluções por IA. O que está sendo discutido?

O grupo de trabalho atualmente está atualizando a Política de Governança de Dados do IBGE para incorporar governança de uso de IA. Estamos também trabalhando no levantamento de projetos e iniciativas de uso de IA no Instituto.

P: Quais são os principais cuidados para a adoção de modelos de IA em um instituto que lida com dados oficiais?

Institutos como o IBGE precisam ser precisos, rastreáveis e confiáveis. Pensando em qualidade e governança dos dados: é fundamental haver validação e checagem. As IAs devem ser integradas a rotinas de controle e verificações de consistência, sendo possível registrar a origem, transformações e parâmetros dos algoritmos, para garantir a rastreabilidade e proveniência dos dados, além da reprodutibilidade dos resultados gerados.

Institucionalmente, precisam oferecer transparência, permitir auditoria, passar por avaliações sistemáticas, verificações para detectar vieses que possam comprometer os dados, e serem reavaliados conforme novas fontes de dados entram. Uma IA deve estar em conformidade com os aspectos legais e éticos que regem a instituição. Além de que, decisões não podem ser delegadas exclusivamente ao algoritmo; deve haver sempre validação humana.



Uma ideia que saiu do mestrado: Arthur Beltrão (DTI/COADS) nos conta como propôs o primeiro modelo de automação por IA implementado no IBGE.



O IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – é o órgão responsável pela produção e disseminação de informações estatísticas, geográficas, cartográficas, geodésicas e ambientais sobre o nosso país. Sua missão é retratar o Brasil com informações necessárias ao conhecimento de sua realidade e ao exercício da cidadania.

Quer descobrir um pouquinho mais sobre o que o IBGE faz? Então siga o Pedro e a Bel, amigos do IBGE Educa, que vão te levar nessa jornada de conhecimento.



Vamos aprender mais
sobre as pesquisas do
IBGE brincando!



Desembaralhe

No Brasil, as pessoas autodeclaram sua cor ou raça para responder ao censo. Desembaralhe as palavras abaixo e descubra os totais de população de acordo com a cor ou raça declarada no Censo 2022.

ANGEDINI

1.227.642

DRAPA

92.083.286

LAMEARA

850.130

PERAT

20.656.458

ANCRAB

88.252.121



www.ibge.gov.br 0800 721 8181



**MINISTÉRIO DO
PLANEJAMENTO
E ORÇAMENTO**

